



Tear Online é licenciada sob uma Licença Creative Commons.

PROCLAMAR LIBERTAÇÃO: RETRATOS DE UMA BUSCA POR UMA PROCLAMAÇÃO CONTEXTUALIZADA DO EVANGELHO

Proclaim Liberation: portraits of the quest for a contextualized proclamation of the Gospel

Verner Hoefelmann¹

Resumo:

O texto apresenta uma iniciativa na área da homilética, que há três décadas e meia vem sendo uma valiosa ferramenta de subsídio para pregadores e pregadoras em sua incumbência de anunciar o Evangelho. O Proclamar Libertação, uma série de auxílios homiléticos que oferece, basicamente, informações exegéticas sobre textos bíblicos, meditações com vistas à pré-dica e auxílios litúrgicos para as celebrações. Relatam-se fatos desde sua origem até sua configuração atual, lembrando seus pioneiros e apoiadores, os desafios e percalços que já se enfrentaram e os que ainda precisam ser enfrentados.

Palavras-chave:

Homilética. Proclamar Libertação. Auxílios homiléticos.

Abstract:

The text presents an initiative in the area of homiletics that has been considered as a valuable tool for preachers in their mission of proclaiming the Gospel for the last three and a half decades. Proclaiming Liberation is a series of homiletic subsidies that offers exegetical information on biblical texts, meditations for preaching and liturgical subsidies for the celebrations. We report facts from its origins to its current configuration, reminding us its pioneers and its supporters, the challenges and obstacles they have faced and those that still need to be addressed.

Keywords:

Homiletic. Proclaiming Liberation. Homiletic subsidies.

¹ Mestre em Teologia, professor de Novo Testamento e Grego na Faculdades EST em São Leopoldo/RS, autor e atual coordenador da série de auxílios homiléticos Proclamar Libertação. Contato: vernerhoe@hotmail.com

Introdução

Minha tarefa neste simpósio é apresentar-lhes uma iniciativa na área da homilética que sobrevive há mais de três décadas e meia e que se consolidou nesse período como uma ferramenta valiosa para pregadores e pregadoras em sua incumbência de anunciar o evangelho. Proclamar Libertação é o nome de uma série de auxílios homiléticos que veio à luz em 1976. Ela oferece, basicamente, informações exegéticas sobre textos bíblicos, meditações com vistas à prédica e auxílios litúrgicos para as celebrações. A publicação é anual, e foram editados, até o momento, trinta e seis volumes. O próximo está em fase de preparação e deve vir a público em meados de outubro.

Alguns números ajudam a dar uma ideia da dimensão que este projeto adquiriu: cerca de dois mil auxílios homiléticos foram escritos desde então, por quase trezentos autores e autoras. A grande maioria deles são ministros da Igreja Evangélica de Confissão Luterana do Brasil/IECLB, sobretudo do ministério pastoral, mas também de outros ministérios. Repassando rapidamente a lista, constata-se ainda que cerca de trinta pessoas provêm de outras confissões religiosas (católicos, presbiterianos, metodistas, episcopais, batistas, luteranos da IELB), cerca de quinze pertencem a igrejas irmãs em outros países latino-americanos (Argentina, Chile, Colômbia, Paraguai, Uruguai), mais de cinquenta são mulheres, cerca de quarenta são ou foram professores em instituições teológicas. Quase metade dessas trezentas pessoas consta da lista atual de colaboradores. Dezesete pessoas estiveram até hoje na coordenação desta série.

Breve histórico

Mas antes que eu traga outros aspectos sobre esta iniciativa, permitam que eu diga algumas palavras sobre a origem desta publicação. Valho-me aqui da memória de dois pioneiros, que nos deixaram valiosos depoimentos pessoais no ano em que a Proclamar Libertação completava seu jubileu de prata².

A ideia de uma série própria de auxílios homiléticos nasceu em 1975, por iniciativa de um grupo de professores e pastores da IECLB. Nelson Kirst, um dos pioneiros, caracteriza esse grupo como uma espécie de confraria secreta que, sem poder ocultar sua existência, tinha que resguardar a identidade de seus membros. Viviam-se então os duros anos do regime militar, com sua política de repressão e violação dos direitos humanos, de censura à liberdade de informação e expressão, de perseguições e prisões arbitrárias, de salas de tortura e desaparecimentos misteriosos de pessoas. Cresciam nesse meio as vozes que clamavam por uma igreja autóctone, capaz de denunciar os abusos que vinham sendo praticados e de expressar, a partir do evangelho, seu compromisso com uma sociedade democrática e com a transformação social, econômica e política do país.

Proclamar Libertação nasce nesse contexto e é parte desse movimento que se verifica dentro da Igreja. Boa parte dos pastores dessa época ainda dominava a língua alemã e buscava subsídios para as suas pregações em material homilético vindo da Alemanha. Mas cada vez mais essa solução era tida como insatisfatória, na verdade, como sinal de alienação teológica e infidelidade ao evangelho, em sua busca por encarnar-se na condição real das pessoas. Como sugere o título que a série veio a adquirir, *Proclamar Libertação* se propunha a oferecer, além de

² KAICK, Baldur van. 25 anos de auxílio homilético. *Proclamar Libertação* 25. São Leopoldo: Editora Sinodal, 1999, p. 11-13. KIRST, Nelson. Os inícios de Proclamar Libertação – um depoimento bem pessoal. *Proclamar Libertação* 25. São Leopoldo: Editora Sinodal, 1999, p. 7-10.

informação exegética sólida e meditação contextualizada, também reflexões de natureza política e social, para que pregadores e pregadoras pudessem testemunhar o evangelho de maneira profética, em meio ao contexto de repressão e censura em que se vivia.

Com essa intenção, a iniciativa foi encaminhada ao professor de homilética da Faculdade de Teologia. Baldur van Kaick assumiu a tarefa de coordenar a publicação, editando os primeiros quatro volumes, em parceria com os colegas docentes Nelson Kirst e Walter Altmann, que viriam a tornar-se os primeiros membros do Conselho Editorial. O primeiro volume veio à luz em janeiro de 1976, com tiragem de trezentos exemplares. Conseguiu reunir auxílios para datas importantes do calendário eclesial, como a Sexta-feira Santa, Páscoa, Ascensão, Dia da Reforma, Dia dos Finados, Advento e Natal, além de subsídios para outros domingos. Malgrados os esforços, porém, o volume conseguiu reunir apenas vinte e duas contribuições, sinal do enorme desafio que estava à frente.

Peculiaridade deste volume é que oferecia, em alguns casos, dois auxílios homiléticos para o mesmo texto. Expressava-se com isso a ideia de que as contribuições não queriam dar a resposta final sobre o texto, mas envolver os leitores no diálogo iniciado, para que eles mesmos descobrissem, com o próprio empenho, a mensagem a ser dita para a situação específica em que se encontravam. Os volumes seguintes não repetiriam essa praxe, mas a intenção estava colocada. Cabe destacar que a iniciativa contou desde o início com o apoio da Editora Sinodal, encarregada de editar as publicações, e da Faculdade de Teologia, responsável final por elas.

Não é possível nem necessário apresentar aqui, em detalhes, a longa caminhada que se seguiu. Limito-me a destacar alguns marcos fixados ao longo do percurso e alguns ensaios que foram sendo exercitados, na procura por um perfil que desse relevância e identidade própria à publicação.

A organização

A busca por reflexão autóctone e contextualização da prédica se reflete na estrutura operacional que a publicação veio a receber. Durante muitos anos, o destino dela foi traçado pelos próprios autores dos auxílios, em encontros anuais. O primeiro deles realizou-se em meados de 1978, chegando a um total de vinte e três. Esses encontros serviam não apenas para avaliar os volumes publicados e planejar novas publicações, mas também para designar novos colaboradores, refletir sobre novos modelos homiléticos e novas teorias de comunicação, além de estudar o contexto da proclamação.

Essa estrutura funcionou até o ano de 2004, quando se fez a última tentativa de reunir os autores para os encontros anuais. No final de 2005, a publicação foi devolvida à Escola Superior de Teologia/EST, sucessora da Faculdade de Teologia. Depois de um ano de intervalo, em que foi suspenso, Proclamar Liberdade retornou em 2007 com uma estrutura simplificada. Ele foi abrigado na área de homilética da EST e passou a ser conduzido por um coordenador, assessorado por um Conselho Editorial de cinco pessoas, encarregado de planejar e avaliar as edições.

As diretrizes

Os primeiros encontros de autores se ocuparam com as diretrizes que deveriam nortear a publicação³. Decidiu-se que os auxílios deveriam visar, em primeiro lugar, à pregação, mesmo que pudessem ser aproveitados também para outros eventos, como a catequese ou os estudos bíblicos. Em termos hermenêuticos, discutiu-se sobre o modelo mais apropriado: o que ia do texto para a prédica (texto → meditação → prédica), ou da realidade para o texto (situação → texto → prédica). A discussão mostrou as possibilidades e os riscos de ambos os modelos. Como não se chegou a um consenso sobre a questão, transferiu-se para os autores a decisão de escolher o modelo mais apropriado ao seu auxílio homilético. Consenso houve apenas no sentido de que se deveria privilegiar a reflexão pessoal e situacional. Por isso, a exegese do texto não deveria receber a ênfase maior e, sobretudo, que a exegese não estivesse em função de si mesma, e sim, fosse colocada a serviço da pregação.

Os primeiros encontros se ocuparam igualmente com a linha da publicação. *Proclamar Liberdade* foi o título escolhido para a série, em alusão ao programa de Jesus anunciado na sinagoga de Nazaré (Lc 4.18). Mas como compreender o termo *liberdade*? O tema, refletido no terceiro encontro de autores, foi desdobrado em três aspectos: político, eclesial e individual. Mas também aqui não houve consenso. Três estudos sobre o tema foram publicados no volume seis, com o alerta de que não fossem entendidos como um programa ou um posicionamento unânime, mas como ponto de referência e orientação para os autores dos auxílios⁴.

Quanto à orientação teológica da série, o grupo decidiu não optar por uma linha teológica exclusiva, mas tomou precauções para que ela não fosse demasiadamente aberta. Isso se reflete nos critérios de seleção de novos autores: eles deveriam ter “capacidade e disposição para uma exegese científica”, ou seja, para uma “reflexão teológica engajada e crítica e, portanto, não fundamentalista”; “capacidade e disposição de refletir a realidade”; e “disposição de não restringir-se a uma compreensão individualista do Evangelho” (formulações do primeiro encontro).

Reflexões e ensaios sobre a ordem de perícopes

Outra questão que envolveu desde o início o encontro de autores foi a pergunta pela ordem de perícopes a ser contemplada nas publicações. Adotou-se, em princípio, a ordem em uso na IECLB, que provinha da Igreja Evangélica da Alemanha. Tratava-se de uma série de textos distribuídos num ciclo de seis etapas, que, além das festas tradicionais do calendário litúrgico, definia um tema específico para cada domingo (Invocavit, Reminiscere, Oculi, Laetere, Judica, etc.). Essa ordem foi revisada na Alemanha em 1978, e o segundo encontro de autores decidiu acompanhar a revisão⁵. Mas ao mesmo tempo solicitou que a IECLB se empenhasse junto ao Conselho Nacional de Igrejas Cristãs/CONIC para estudar a viabilidade de criar uma nova ordem de perícopes, brasileira e ecumênica.

Essa reflexão sobre uma série de perícopes, que pudesse contemplar a realidade brasileira e ressaltar o papel profético da Igreja nesse meio, vinha sendo feita, de forma implícita, desde os primeiros volumes através de temas especiais introduzidos nas publicações. Assim, por

³ KILPP, Nelson. Quinze anos de Proclamar Liberdade. *Proclamar Liberdade XV*. São Leopoldo: Editora Sinodal, 1989, p. 7-8.

⁴ Prefácio ao sexto volume de Proclamar Liberdade, 1980, p. 5.

⁵ Uma explicação sobre esta série e uma relação de perícopes que ela propõe se encontram em Proclamar Liberdade XIV, p. 407-427; cf. também KIRST, Nelson. *Rudimentos de Homilética*. São Paulo: Edições Paulinas; São Leopoldo: Editora Sinodal, p. 49-56.

exemplo, o primeiro volume já trazia um auxílio específico para o Dia de Ação de Graças e para o Dia da Independência, e os seguintes acrescentariam outros temas.

Enquanto se aguardava a resposta do CONIC, o terceiro encontro de autores, de 1982, decidiu ensaiar uma série alternativa. Ela foi denominada *Quer Seja Oportuno, Quer Não*, numa referência a 2 Tm 4.2. Tratava-se de uma série de doze textos, um para cada mês, que veio a lume pela primeira vez em 1983, no nono volume. Essas contribuições eram alocadas ao lado dos auxílios homiléticos regulares, na primeira parte do volume, destacadas em páginas amarelas.

N. Kirst, coordenador à época, informa no texto de apresentação desta série que ela visava superar os perigos da utilização rígida de uma série de perícopes, ao mesmo tempo em que sinalizava a busca por uma série que correspondesse mais adequadamente ao nosso contexto. Em termos de dinâmica, a série procedia de forma inversa ao procedimento usual: Em vez de iniciar com a proposição de um texto bíblico, ela procurava partir do assunto que poderia estar em voga em cada mês, ocupando a mente das pessoas. A partir disso, procurava-se um texto que pudesse trazer luz para dentro da situação descrita, para explicar e entender a situação em perspectiva teológica⁶. Os temas e textos eram discutidos e definidos no encontro de autores e entregues então a autores específicos para a elaboração. Quando se observa o resultado desse trabalho, constata-se, contudo, que nem todos os autores utilizavam a mesma metodologia para elaborar seus auxílios: enquanto alguns partiam efetivamente da realidade em direção ao texto, outros procediam de forma inversa, mostrando uma vez mais a diversidade de abordagens.

Em termos formais, a experiência com essa série alternativa se estendeu por mais cinco volumes, encerrando em 1988. Mas a ideia de superar a rigidez das séries de perícopes e de considerar o contexto da proclamação sempre esteve presente nos volumes seguintes, na forma dos já mencionados auxílios especiais. Quem observa o índice geral de temas do volume trinta e seis realmente se impressiona com a quantidade e variedade dos assuntos tratados ao longo dos anos. Nada menos que cento e quarenta temas diferentes estão ali elencados, muitos deles tratados várias vezes. Impossível traçar aqui um perfil desses temas. Mas posso dar-lhes alguns exemplos: assuntos do cotidiano pastoral e eclesial (batismo, santa ceia, confirmação, bênção matrimonial, velhice, sepultamento, leitura bíblica, dia da reforma, dedicação do templo, instalação de lideranças comunitárias, sacerdócio geral dos crentes, contribuição financeira, música, missão); temas de natureza social (dias dos pais, dia das mães, dia das crianças, organização popular, migração, empregadas domésticas, planejamento familiar, dia internacional da mulher, povos indígenas, movimento negro, luta pela terra, dependência química, violência); temas de natureza cultural (arte, carnaval, futebol, cultura popular); temas de natureza política (constituição, eleição, dia da independência, dia do trabalhador, sindicalismo, ecologia, armamento); temas ligados à área da saúde (curandeirismo, AIDS, lepra, pessoas com deficiência, agrotóxicos).

Como a proposta de criar uma série de perícopes ecumênica e brasileira se mostrou inviável, o encontro de autores de 1988 criou uma comissão para estudar a viabilidade de assumir a série trienal ecumênica (ABC). A série, com três leituras bíblicas para cada domingo (Antigo Testamento, Evangelhos, Epístolas), entrou em vigor na Igreja Católica Romana a partir do Concílio Vaticano II e foi assumida, com algumas adaptações, pelas igrejas protestantes do continente americano. A partir das igrejas protestantes dos Estados Unidos, ela entrou nas igrejas protestantes da América Latina e do Brasil. Sem conhecer as gestões do encontro de autores, o

⁶ KIRST, Nelson. *Quer seja oportuno, quer não. A série alternativa de PL. Proclamar Liberdade IX*. São Leopoldo: Sinodal, 1983, p. 12.

Conselho Diretor da IECLB optou, no mesmo ano de 1988, pela adoção desta série ecumênica ABC, para implantá-la a partir do Advento de 1990, tendo em vista a sua representatividade ecumênica, inclusive em solo brasileiro⁷.

Proclamar Libertação adotou esta série a partir do décimo sexto volume. Com algumas revisões aprovadas pelo Concílio da IECLB em 2006, é a que prevalece até a presente data⁸. Desde o início, contudo, algumas adaptações foram tidas como necessárias. A série ecumênica se entende basicamente como um lecionário para as celebrações e subentende a homilia temática a partir dos três textos. Considerando que nem sempre as leituras combinam tematicamente entre si e tendo em vista ainda a tradição luterana de pregar sobre uma perícopes, o Conselho Editorial de Proclamar Libertação e o Conselho de Liturgia da IECLB sugeriram que um dos textos de leitura fosse escolhido como texto-base para a pregação.

A indicação de textos para prédica foi proposta pelo coordenador da época, Nelson Kilpp, e aceita pelo Presidente da Comissão de Liturgia da IECLB com base em alguns critérios, que sintetizo aqui⁹: a) Transformar cada texto de leitura do lecionário em texto de pregação, para que não se pregue exclusivamente sobre os evangelhos; b) Considerar a tendência da série ABC de valorizar os evangelhos, contemplando os seus textos o dobro de vezes em comparação com os demais textos; c) Observar que metade dos textos de cada série seja dos evangelhos, um quarto, do Antigo Testamento, e um quarto, das Epístolas; d) Variar, dentro das séries, a sequência de textos de cada segmento. O resultado dessa sistemática é que os textos dos evangelhos se repetem a cada seis anos, e os demais textos, a cada doze anos. É a praxe que continua orientando a escolha dos textos de prédica atualmente.

Duas outras iniciativas sejam aqui brevemente lembradas. Mesmo que Proclamar Libertação se ocupasse primordialmente com subsídios para os cultos, em 1981 se editou um suplemento especial, com estudos sobre o Catecismo Menor de Martim Lutero, em memória dos quinhentos anos de nascimento do reformador, que viria a ser comemorado dois anos mais tarde. Foram incluídos neste suplemento estudos sobre os Dez Mandamentos, sobre o Credo Apostólico, sobre a oração do Pai Nosso e sobre os sacramentos. Em 1988, lançou-se um segundo suplemento com reflexões teológicas, sociológicas e poimênicas sobre os ofícios e com alocações para bênção matrimonial e sepultamento. A publicação conclui com uma longa sugestão de textos para diversas circunstâncias de sepultamento. Outros cadernos internos com alocações para casamentos e sepultamentos foram publicados no oeste catarinense com a chancela de Proclamar Libertação, para suprir pastores e pastores com ideias para essas ocasiões. Tanto os suplementos como os cadernos foram decididos em encontros de autores.

Configuração atual

Desde o sétimo volume, vários autores passaram a incluir em suas contribuições também alguns subsídios litúrgicos, sinal de que não apenas a prédica era foco de atenção, mas também o culto em sua totalidade. Em geral, esses subsídios continham confissão de pecados, oração de coleta e assuntos para a intercessão final, mas também versículos de entrada para o culto, textos

⁷ TESCHE, Sílvio. O Lecionário Ecumênico. *Proclamar Libertação XV*. São Leopoldo: Editora Sinodal, 1989, p. 315-317. KILPP, Nelson. *O lecionário ABC e a planilha de textos de Proclamar Libertação* (texto mimeografado).

⁸ IGREJA EVANGÉLICA DE CONFISSÃO LUTERANA NO BRASIL. *Lecionário Comum Revisado da IECLB*. São Leopoldo: Oikos Editora, 2007.

⁹ KILPP, Nelson; WESTHELLE, Vitor. Prefácio. *Proclamar Libertação XVI*. São Leopoldo: Editora Sinodal, 1990, p. 5. KILPP, Nelson. *O lecionário ABC e a planilha de textos de pregação de Proclamar Libertação* (texto mimeografado).

bíblicos para anúncio da absolvição, novos credos, sugestões de hinos. O que se observa, porém, é que essa dimensão litúrgica não conseguiu se impor como padrão para os auxílios homiléticos, dependendo sempre da sensibilidade litúrgica dos autores e autoras dos subsídios.

Com o volume 32, os subsídios litúrgicos passaram a fazer parte do roteiro proposto aos autores e autoras, ajudando a configurar o formato atual da publicação¹⁰. Essa configuração possui cinco partes.

1. Sugere-se, na *introdução*, que o auxílio aponte para a forma como os três textos de leitura se relacionam entre si (se é que se relacionam!) e para a forma como eles contribuem para a unidade temática da prédica e do culto. Eventualmente se pode apontar nessa parte também para a época do calendário litúrgico e sua relação com os textos escolhidos.

2. A *parte exegética* deve merecer atenção especial, mas com o pedido de que autores e autoras se detenham apenas naquilo que realmente contribui para a compreensão do texto e a preparação da mensagem. O estudo a partir das línguas originais é recomendado. Quando isso não é possível, sugere-se ao menos que se trabalhe com a comparação de traduções.

3. A *meditação* tem por objetivo fazer a ponte entre o texto de prédica e a sua atualidade em termos pessoais, comunitários, sociais e globais. Nela se fará a relação entre a parte exegética e a reflexão propriamente dita do texto bíblico e se terão condições de perceber de que forma sua mensagem contribui para que a comunidade se mantenha fiel à sua fé e à sua missão no mundo.

4. Nas *imagens para a prédica*, sugere-se que autoras e autores proponham imagens, experiências, metáforas, estórias, provérbios, símbolos e outros subsídios que ajudem o pregador e a pregadora a tornar a prédica mais viva e dinâmica.

5. Na parte dos *subsídios litúrgicos*, espera-se que o autor ou a autora traga impulsos para que usuários e usuárias possam elaborar as diferentes partes da liturgia do culto, considerando o contexto e o momento em sua comunidade. O que se espera não é uma liturgia completa para o culto, e sim subsídios que ajudem a reforçar a temática do culto.

São essas as orientações enviadas a autores e autoras. Quando as contribuições não trazem esses elementos e ainda resta tempo hábil, sugere-se que autores ou autoras façam as complementações necessárias.

Considerações finais

O livro de Atos dos Apóstolos nos informa que um membro do Sinédrio, chamado Gamaliel, emitiu um parecer sobre os inícios do movimento cristão (At 5.33-39). Conforme esse parecer, o tempo é um instrumento que Deus pode utilizar para depurar as boas iniciativas. Se pudermos aplicar este princípio a Proclamar Libertação, talvez possamos dizer que esta iniciativa conta com a bênção de Deus. Se ela sobreviveu durante esse tempo, é porque responde a um anseio de pregadores e pregadoras. Mas, como qualquer iniciativa humana, também essa enfrentou e continua enfrentando percalços e desafios, alguns dos quais explicitamos a seguir.

1) Proclamar Libertação é uma iniciativa baseada no trabalho voluntário de colaboradores e colaboradoras. Durante muito tempo, inclusive, os autores doavam o exemplar a que tinham direito para ajudar a financiar os encontros anuais. Atualmente, esse exemplar é a única

¹⁰ A formatação foi aprovada pelo Conselho Editorial de Proclamar Libertação, durante o período de coordenação do então professor de Homilética da EST, Mauro Batista de Souza.

gratificação que autores e autoras recebem pelo seu trabalho. Sob essas circunstâncias é quase um milagre que Proclamar Libertação tenha sobrevivido ao longo desses anos. Tal disposição para um trabalho gratuito só pode ser visto um belo sinal de amor à causa e de solidariedade com colegas de ministério.

Mas essa estrutura também expõe a publicação a fragilidades difíceis de contornar. Sabemos que os auxílios são produzidos em meio às correrias, exigências e pressões do trabalho pastoral ou acadêmico. Por isso, é compreensível que nem sempre o possível corresponde ao desejável. Nem todas as contribuições possuem a mesma qualidade, embora sejam elaboradas com a maior das boas vontades. Da qualidade dos auxílios, porém, depende a sua utilidade para a pregação, e desta, a própria procura pelo exemplar.

2) Boas contribuições pressupõem, em geral, possibilidade de acesso a bons materiais de pesquisa, seja em nível exegetico ou hermenêutico. Nossos pastores e pastoras, em geral, não conseguem formar ao longo de seu ministério uma boa biblioteca particular. Se estão longe de um centro de formação que possua uma boa biblioteca, como contornar esse problema?

3) Ensinamos nos seminários que Deus pode transformar nossa fala na prédica num ato criativo seu, o que não exclui, mas pressupõe o trabalho abnegado do pregador. As modernas teorias da comunicação, contudo, colocam em xeque a eficácia de um modelo de comunicação como o que é pressuposto em nossas celebrações, sobretudo em nossas pregações. Diante disso, como convencer um pregador a investir longas horas na preparação de um sermão?

4) Proclamar Libertação sempre resistiu à tentação de oferecer sermões prontos, por entender que pregadores e pregadoras devem participar da tarefa de descobrir a palavra específica a ser dita para as congregações locais. Sabemos, por outro lado, que pregações e mensagens prontas são oferecidas, cada vez em maior número, através da internet, e que frequentemente se recorre a essa solução cômoda e rápida. Como lidar com essa situação?

Referências

IGREJA EVANGÉLICA DE CONFISSÃO LUTERANA NO BRASIL. *Lecionário Comum Revisado da IECLB*. São Leopoldo: Oikos Editora, 2007.

KAICK, Baldur van. 25 anos de auxílio homilético. *Proclamar Libertação 25*. São Leopoldo: Editora Sinodal, 1999, p. 11-13.

KILPP, Nelson. Quinze anos de Proclamar Libertação. *Proclamar Libertação XV*. São Leopoldo: Editora Sinodal, 1989, p. 7-11.

KIRST, Nelson. Quer seja oportuno, quer não. A série alternativa de PL. *Proclamar Libertação IX*. São Leopoldo: Sinodal, 1983, p. 10-14.

KIRST, Nelson. Os inícios de Proclamar Libertação – um depoimento bem pessoal. *Proclamar Libertação 25*. São Leopoldo: Editora Sinodal, 1999, p. 7-10.

KIRST, Nelson. *Rudimentos de Homilética*. São Paulo: Edições Paulinas; São Leopoldo: Editora Sinodal, p. 49-56.

TESCHE, Sívio. O Lecionário Ecumênico. *Proclamar Libertação XV*. São Leopoldo: Editora Sinodal, 1989, p. 315-317.